

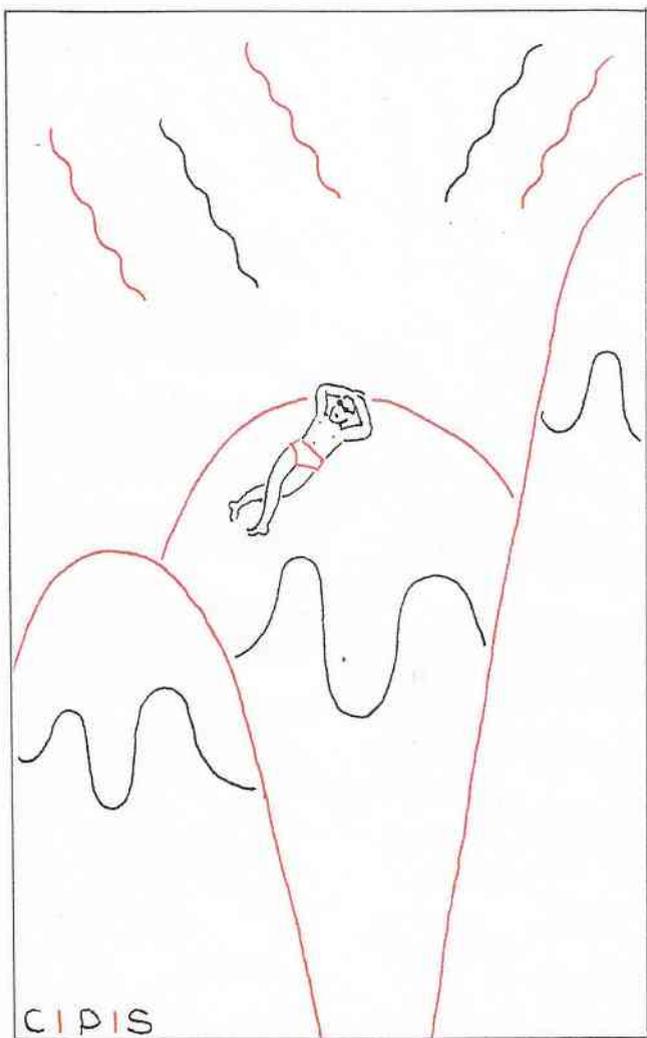
TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

debates@grupofolha.com.br www.folha.com/tendencias

Uma nova era de oportunidades

BAN KI-MOON



Há 70 anos, a ONU foi criada a partir das cinzas da Segunda Guerra Mundial. Sete décadas depois, em Paris, as nações se uniram em face de uma outra ameaça — a ameaça à vida tal como a conhecemos, devido ao rápido aquecimento de nosso planeta.

Os governos inauguraram uma nova era de cooperação global sobre a mudança climática, uma das questões mais complexas que a humanidade já enfrentou. Ao fazer isso, eles promoveram progressos significativos em relação ao mandato da nossa Carta de “preservar as gerações vindouras”.

O Acordo de Paris é um triunfo para as pessoas, para o meio ambiente e para o multilateralismo. É um seguro de saúde para o planeta. Pela primeira vez, todos os países do mundo se comprometeram a reduzir suas emissões, reforçar a capacidade de resiliência e agir internacionalmente e internamente para enfrentar a mudança climática.

A vitória em Paris encerra um ano notável, em que as Nações Unidas provaram sua capacidade de fornecer esperança e cura para o mundo.

Desde meus primeiros dias no cargo, classifiquei a mudança climática como o desafio que define nossa época. Falei com quase todos os líderes mundiais sobre a ameaça que representa para nossas economias, nossa segurança e nossa própria sobrevivência.

Tenho visitado todos os continentes e conhecido comunidades que vivem nas frentes de batalhas climáticas. As três Cúpulas do Clima que organizei mobilizaram a vontade política e catalisaram a ação inovadora de governos, das empresas e da sociedade civil.

O que antes era impensável agora não pode mais ser detido. O Acordo de Paris forneceu todos os pontos fundamentais que eu enfatizei. Mercados têm agora o sinal claro para aumentar investimentos pelo desenvolvimento de baixas emissões. Todos os países concordaram em trabalhar para manter o aumento da temperatura global abaixo dos 2°C e, diante dos graves riscos, promover um esforço rumo a 1,5°C.

Em Paris, eles concordaram em limitar as emissões globais dos gases de efeito estufa o mais rapidamente possível na segunda metade do século; 188 países já apresentaram suas contribuições nacionais.

Coletivamente, contudo, elas ainda nos deixam com um aumento da temperatura, inaceitavelmente perigoso, de 3°C. Por isso, os países prometeram rever seus planos climáticos nacionais a cada cinco anos, a partir de 2018, permitindo

O Acordo de Paris representa triunfo para as pessoas, para o meio ambiente e para o multilateralismo. É seguro de saúde para o nosso planeta

que eles sejam mais ambiciosos, de acordo com o que exige a ciência.

Agora nossos pensamentos devem imediatamente se voltar para a implementação desses planos. Ao abordar a mudança climática, faremos avançar a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. O Acordo de Paris tem implicações positivas para todos os objetivos dessa agenda. Estamos prestes a entrar em uma nova era de oportunidades.

Neste momento em que governos, empresas e sociedade civil dão início ao monumental projeto de pro-

moção do desenvolvimento sustentável e combate às mudanças climáticas, a ONU apoiará os Estados-membros e a sociedade em geral em todas as fases.

Como um primeiro passo na implementação do Acordo de Paris, vou convocar, conforme solicitado pelo documento final e pela convenção, uma cerimônia de assinatura de alto nível em Nova York, no dia 22 de abril de 2016.

Convidarei os líderes mundiais a participar e ajudar, a manter e ampliar esse momento positivo. Trabalhando juntos, podemos alcançar nosso objetivo comum de acabar com a pobreza, fortalecer a paz e garantir uma vida de dignidade e oportunidade para todos.

BAN KI-MOON, 71, é secretário-geral da ONU - Organização das Nações Unidas. Foi ministro das Relações Exteriores e do Comércio da Coreia do Sul

Tragédia a caminho

OSMAR TERRA

A epidemia de microcefalia será uma das mais graves da história da saúde brasileira. Milhares de crianças tendem a nascer com uma diminuição importante do cérebro, o que acarreta danos mentais severos, crises convulsivas e dificuldades motoras para o resto de suas vidas.

A multiplicação de casos repercutirá profundamente nas famílias afetadas, na sociedade e nas políticas públicas do país durante décadas. Segundo o Ministério da Saúde, neste ano, já são 2.165 casos suspeitos de recém-nascidos com má-formação em 19 Estados e no Distrito Federal.

Os números só não são maiores porque o ministério mudou o critério para notificação. Só contabiliza agora os bebês com circunferência da cabeça menor ou igual a 32 centímetros (antes a referência era 33 centímetros). Em 2016 poderão ser mais de 100 mil casos, uma tragédia sem precedentes.

O causador deste dano é o vírus zika — detectado no Brasil, pela primeira vez, em abril deste ano —, da mesma família do vírus da dengue. O mosquito transmissor é o mesmo, o *Aedes aegypti*.

Diante da epidemia, o governo federal não deve esperar. A cada dia dezenas ou centenas de gestantes

A multiplicação de casos de microcefalia por zika repercutirá profundamente nas famílias, na sociedade e nas políticas públicas do país

podem ser infectadas, e seus filhos terão alta possibilidade de nascer com problemas.

Como o vírus causa danos ao feto principalmente nos primeiros meses de gestação, as crianças nascidas com microcefalia em outubro foram contaminadas no primeiro trimestre de 2015, antes da comprovação oficial de circulação do zika no país. Outro dado assustador: para cada caso de doença sintomática, existem de 6 a 10 casos com levíssimos sintomas, a ponto de passarem despercebidos.

Além da microcefalia, o aumento súbito de pessoas afetadas pela síndrome neurológica de Guillain-Barré, que causa paralisia, tem relação também com o zika.

Como não há remédio nem vacina, o eixo principal de seu enfrentamento é o combate ao mosquito, com todos os recursos humanos e materiais possíveis. Temos de agir muito rápido. Forças Armadas, bombeiros e voluntários devem ser

mobilizados, num gigantesco e urgente mutirão.

Precisamos de uma campanha emergencial e mais intensa, sobre os riscos e cuidados necessários, em todos os meios de comunicação. Mulheres em idade fértil devem ser aconselhadas a adiar a gravidez enquanto houver epidemia.

A União tem que prover recursos extraordinários para o esforço de combate ao vírus. Também é fundamental organizar atendimento às crianças com microcefalia.

O governo deve priorizar a pesquisa para a produção, em tempo recorde, de vacinas para esse vírus. Para tal, precisa trabalhar com grandes laboratórios internacionais e organismos como a OMS (Organização Mundial de Saúde).

São louváveis as medidas tomadas pelo Ministério da Saúde. O ministro decretou estado de emergência nacional e formou um comitê de crise.

Fora isso, também é decisivo que o governo federal como um todo aja rapidamente nessa mobilização, sob pena de, a cada dia, piorar a tragédia que se delinea no Brasil.

OSMAR TERRA, 65, médico e deputado federal (PMDB-RS), é presidente das Frentes Parlamentares da Saúde e da Primeira Infância

PAINEL DO LEITOR

A seção recebe mensagens pelo e-mail leitor@grupofolha.com.br, pelo fax (11) 3223-1644 e no endereço al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos.

Brasil em crise

Dilma não quis seguir a política econômica de Joaquim Levy e optou pelo pior caminho. Nelson Barbosa no Ministério da Fazenda representará mais gastos e a irresponsabilidade de sempre.

FABIO FIGUEIREDO (São Paulo, SP)



Barbosa tem a missão de colocar a casa em ordem, sem sair dos trilhos definidos por Dilma. O caminho será árduo, pois o país luta contra uma inflação de dois dígitos, não consegue aprovação das duas Casas parlamentares para novos tributos e tem a imagem arranhada no exterior. Para obter o sucesso real, o novo ministro deverá agir com mais técnica e menos política.

JOSÉ CARLOS DA COSTA (Belo Horizonte - MG)



Nelson Barbosa mente quando diz que seguirá as mesmas normas já estabelecidas por Levy. A presidente sempre acatou as tendências econômicas de Barbosa, colocando o ex-ministro em situações vexaminosas.

LEILA E. LEITÃO (São Paulo, SP)



Levy deveria ter sido menos politicamente correto e exigido, tão logo assumiu o ministério, que o governo implementasse o de verdade ajuste fiscal. A chance de sucesso teria sido maior. De modo geral, a gestão dele foi fraca.

RAFAEL ALBERTI CESA (Caxias do Sul, RS)



Nelson Barbosa é alinhado aos objetivos do PT. Tudo o que Joaquim Levy fez será apagado. As famosas “pedaladas fiscais” serão retomadas.

SURAJA FERNANDES (São Paulo, SP)



Acabamos de inaugurar a República Federativa Brasileira Socialista Bolivariana! A decisão do STF representou uma intervenção nos Poderes da República (“STF dá palavra final a Senado sobre afastamento de Dilma”, “Poder”, 18/12). Os ministros do Supremo acabaram por favorecer um governo que tem se mostrado incompetente, vil e irresponsável. Pobre Brasil!

RUBENS CELLA (São Paulo, SP)



Irrelevantes, tendenciosas e levianas as declarações do ex-presidente Lula no depoimento prestado como “informante” à Polícia Federal (“Lula atribui a Dirceu escolha de dirigentes da Petrobras”, “Poder”, 19/12). Por que informante? Já deveria, no mínimo, ter sido indiciado. Ou será que nada do que aconteceu no país desde 2003, quando assumiu a Presidência da República, é de sua responsabilidade?

JOÃO CARLOS PEREIRA, advogado (Lins, SP)



Marta Suplicy fala com conhecimento de causa sobre a perda de credibilidade do mundo da política (“Sou paulista”, “Opinião”, 18/12). A senadora argumenta que os políticos colocaram seus interesses pessoais acima dos interesses do Brasil. Não foi justamente isso, contudo, o que essa senhora fez, ao banear-se do PT para o PMDB e ainda tirar foto junto ao bando de Eduardo Cunha?

GERSON ANTONIO ALMOSTER (Osasco, SP)

» LEIA MAIS CARTAS NO SITE DA FOLHA - www.folha.com.br/paineldoleitor

» SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: saa@grupofolha.com.br 0800-775-8080 Grande São Paulo: (11) 3224-3090

» OMBUDSMAN: ombudsman@grupofolha.com.br 0800-015-9000

ASSUNTOS MAIS COMENTADOS DA SEMANA

MANIFESTAÇÕES CONTRA E PRÓ DILMA 9%

STF 8%

ZIKA 3%

TOTAL: 1.244 mensagens

Total de comentários no site da Folha de 12.dez a 18.dez: 6.306

*Soma das mensagens enviadas para a Folha

Surfe

Parabéns ao grande surfista Mineirinho pela conquista do Campeonato Mundial de Surfe de 2015. Mineirinho e Gabriel Medina deram ao Brasil o inédito bicampeonato mundial em 2014/15, acabando com a hegemonia de norte-americanos e australianos. Tornaram o surfe brasileiro o melhor do mundo. Uma conquista sensacional e motivo de orgulho para todos.

RENATO KHAIR (São Paulo, SP)

Colunistas

Toda vez que leio os artigos do sr. André Singer surpreendo-me com sua incapacidade de entender as reais causas da profunda crise pela qual passamos. Acho que falta-lhe a compreensão de que seria necessário um poder sobre-humano para que o agora ex-ministro da Fazenda, Joaquim Levy, fosse capaz, sozinho, de afundar o Brasil em seu curto mandato no ministério.

LUIZ DANIEL DE CAMPOS (São Paulo, SP)



A coluna de André Singer (“Antes Tarde”, “Opinião”, 19/12) é desconectada da realidade, com contorcionismos evidentes e clichês que fazem corar qualquer defensor do bolivarianismo.

RICARDO BARRERA (São Paulo, SP)



Ruy Castro tem toda a razão (“Perdão, leitores”, “Opinião”, 19/12). O brasileiro está farto do circo Dilma/Cunha. Diante do quadro chinfrim, em que protagonistas inescrupulosos visam ao poder, sem medir consequências, resta-nos desviar o foco para lances anônimos e inusitados.

MARIA INÊS DE ARAÚJO (São João do Boa Vista, SP)

Charge

Fantástica a charge de Montanaro ao aproveitar a histeria em torno da saga “Star Wars” para retratar nosso momento político (“Opinião”, 19/12). Precisamos de um despertar da força para combater o lado negro que habita a Câmara e o Senado. Que a força esteja com o povo!

ANDRÉ PEDRESCHI ALUISI (Rio Claro, SP)

Boas festas

A Folha agradece e retribui os votos de boas-festas recebidos de Néctar Comunicação Corporativa (São Paulo, SP), Daniel Kaufmann, presidente e CEO da Natural Resource Governance Institute (Nova York, EUA), In-novia Training & Consulting (São Paulo, SP), Global Journalist Security (Washington, EUA), Pedro Denadai - Hayai Assessoria de Imprensa e Comunicação (São Paulo, SP).

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

OPINIÃO (11.NOV, PÁG. A2) Diferentemente do informado na coluna “Chulices e populismos”, de Ruy Castro, o romance “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, é sim dividido em parágrafos. O livro não tem a divisão de capítulos.

PODER (16.DEZ, PÁG. A8) Diferentemente do que informamos a reportagem “STJ nega liberdade a Odebrecht e outros dois”, Márcio Faria e Rogério Araújo são ex-executivos da Odebrecht, e não executivos da empresa.